ISSN: 2358-8829

DANÇAS DE SALÃO: UMA OPRESSÃO CONSENTIDA

Marlyson de Figueiredo Barbosa [1]

Lenira Peral Rengel [2]

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa vinculada à linha de pesquisa Dança, Corpo e Cognição do Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia-UFBA, explana e argumenta a respeito de uma opressão consentida que vem sendo articulada com mecanismos hegemônicos de poder que estão enraizados nas dinâmicas da dança de salão. Dentro desse ambiente opressor são destacadas ações consentidas por mulheres e homens nas suas diversas formas de interação, seja emocional, comportamental, física, política e cultural.

A pesquisa se desenvolveu, a partir das minhas experiências, em duas capitais da região Nordeste do país, sendo uma na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, na qual nasci e iniciei minha carreira como artista/educador. Nessa mesma cidade, tive a oportunidade de concluir a graduação em Dança e abrir o estúdio "Dançarte". Nessa sala de dança, os desdobramentos das aulas, dos bailes e dos eventos ocorreram entre os anos de 2015 e 2019. Nesse ínterim, foi possível desenvolver trabalhos artísticos, trocas e vivências com outros profissionais que contribuíram para minha pesquisa de mestrado (Barbosa, 2021) e, certamente, para os estudos do doutorado.

A segunda cidade contextualizada na pesquisa foi Salvador, capital da Bahia. Embora também localizada na região Nordeste, a proposta dos estudos nessa localidade foi mais voltada aos bailes dançantes, uma vez que os ambientes de ensino/aprendizagem das danças de salão são muito semelhantes entre as referidas cidades. Em relação aos bailes, entretanto, há uma diferença significativa no modo como as pessoas vivenciam esses recintos. Assim, o aprofundamento dos estudos nesses ambientes de Salvador mostrou-se como outro caminho para as articulações, problematizações e explanações dos conceitos levantados durante a pesquisa.

É importante pontuar que as duas cidades nas quais foi contextualizada a pesquisa têm

[1] Doutor em Dança pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, lysonbarbosa@yahoo.com.br;
[2] Professora orientadora: Doutora em Comunicação e Semiotica, Pontifícia Universidade Católica de São Paula - PUC, lenira@rengel.pro.br

ISSN: 2358-8829

particularidades em questões culturais, regionais e, principalmente, pessoais. No entanto, sair de minha cidade natal (João Pessoa) para aprofundar nos estudos sobre patriarcado, machismo e opressão das mulheres em um Estado (Bahia) onde o racismo é algo recorrente, foi uma experiência muito impactante no que concerne aos aspectos artísticos e profissionais. Os símbolos hegemônicos são reverberados e disseminados naturalmente pelos cavalheiros e pelas damas que frequentam os bailes de dança de salão em ambas as cidades pesquisadas.

Ressalto que elaborar, escrever e dsenvolver este trabalho foi, e é doloroso e, considerando o vínculo com a linha de pesquisa – Dança, Corpo e Cognição – sabe-se que a dor não é apenas abstrata, ela dói mesmo, na carne, na pele, no cérebro. Todavia, cravar palavras que apontem as feridas do que ainda nos constitui, resulta na busca de uma consciência crítica como método para contribuir com uma dança de salão menos hegemônica.

Portanto, a intenção desta pesquisa, com referência em Ried (2003), é manifestar como o gênero feminino é percebido, tratado e julgado em muitos ambientes das danças de salão. Vocábulos, tais como, “punição, adestramento, desumano”, que refletem a violência de gênero, são adjetivos depreciativos direcionados especificamente às damas. Assim, essas “damas” – mulheres sis, trans, negras, brancas, indígenas –, no contexto opressor das danças de salão, são tratadas pelo viés heteronormativo. Logo, visto que existe uma estrutura machista, exploradora e patriarcal direcionada às mulheres nos ambientes das danças de salão, infelizmente, foi, e é necessário, em alguns momentos durante esta escrita, adjetivar as damas recorrendo esse tipo de expressões opressoras.

Embora a pesquisa evidencie termos e conceitos que vêm sendo disseminados nos contextos de sala de aula, bailes e competições, outra ressalva feita é a ciência de que a dança não está, obviamente, apartada do seu espírito do tempo. Desse modo, como um relevante reflexo político, social e cultural da sociedade, simultaneamente essas danças reforçam o quadro de opressão de forma eficaz.

Há, tanto de forma aberta quanto velada, a utilização de adjetivos nefastos dos poderes opressores do patriarcado, tradicionalismo e capitalismo, em vários espaços da sociedade, e das danças, direcionados especificamente às mulheres.

Todavia, havemos de reconhecer que também existem academias de dança espalhadas pelo país que não compactuam com essa ideia opressora que prioriza manter uma cultura machista que apenas deseja explorar e inferiorizar as damas. Contudo, cabe destacar que, quando cavalheiros decidem não seguir as diretrizes dessas estruturas de caráter autoritário, esses acabam por sofrer os efeitos da opressão hegemônica geralmente direcionadas às mulheres; as quais também são direcionadas às mulheres que não aceitam as imposições

ISSN: 2358-8829

patriarcais.

A parcela opressora da sociedade orquestra uma cultura machista com modos de violência verbal, intelectual e física em relação às mulheres. Entretanto, muitas ações oriundas da figura masculina costumam acontecer de maneira velada na tentativa de fazer as pessoas não as perceberem. Dessa forma, as danças a dois (opressoras), têm como núcleo a necessidade de dominação total (do corpo) das mulheres. Vide a metáfora de alguém que conduz e de alguém que é conduzida.

Uma hipótese é que esta separação dicotômica emerge de outra separação fundante, isto é, a de corpo *versus* mente. Rengel (2007) afirma que a emancipação começa nos corpos, e necessitamos ir a favor do corpo, que é corponectivo, é corpomente. Em uma perspectiva opressora, a mente, em geral, é posta como superior, ela manda no corpo. Assim, "o homem é mental", "a mulher é corporal", portanto, o homem manda e/ou conduz a mulher. É preciso compreender, no entanto, que, sob o viés emancipatório, ninguém manda em ninguém, ninguém conduz ninguém. Há acordos, consensos, orientações, colaborações, compartilhamentos entre corpos.

É possível afirmar que muitos cavalheiros desenvolvem esse tipo de conduta discriminatória por serem ensinados desde a infância que o gênero masculino tem a obrigação de oprimir as mulheres. Assim, naturalizou-se, e ainda se naturaliza, uma concepção opressora, a qual se tornou uma espécie de missão para os homens que dançam: dominar a figura feminina (Wittig, 2022).

Por conseguinte, prioriza-se uma estrutura de opressão que coloca as mulheres como uma espécie de objeto de uso, consumo e exploração pelos homens. Essa objetificação do corpo feminino, disseminada pelo triplo de interseccionalidade, conjunto ideológico do capitalismo, patriarcalismo e tradicionalismo (Collins; Bilge, 2021) mantém a dicotomia de superioridade da figura masculina em relação à inferioridade da feminina.

Nesse sentido, cabe lembrar que as danças de salão foram estabelecidas em território brasileiro, segundo pesquisadores e estudiosos, durante a chegada da corte portuguesa, que trouxe na sua vinda ao Brasil uma relevante quantidade de profissionais de diversas áreas como arquitetos, pintores e músicos (Ried, 2003). Dentre esses profissionais, estava também o profissional mestre de dança e etiqueta que tinha como principal função ensinar os filhos dos imperadores as normas de etiquetas necessárias para criar relações com pessoas influentes da época.

Assim, as aulas de etiqueta tinham um espaço reservado exclusivamente para as danças europeias muito praticadas em ocasiões de bailes tradicionais dançantes, os quais tinham como

ISSN: 2358-8829

objetivo crucial aproximar as famílias da cultura e fundamentação portuguesa nesses contextos festivos. Vale apontar que, as danças a dois sempre tiveram grande importância social pelo fato de possibilitar uma aproximação sociável e mais rápida com as mulheres, vistas na época como uma espécie de investimento político, social e especialmente financeiro.

> Durante o processo evolutivo das danças sociais, a atuação dos homens diferenciou-se cada vez mais das mulheres, espelhando frequentemente a imagem que se faz na época do papel do homem e da mulher. O homem reverencia, corteja e protege a mulher, enquanto que ela se mostra mais passiva e receptiva, mostrando às vezes sinais mais ou menos sutis de sedução (Ried, 2003, p. 9).

Assim sendo, durante séculos, as danças de salão foram utilizadas como um modelo de instrumento que priorizava beneficiar a figura masculina às custas da exploração do corpo das mulheres nas circunstâncias social, política e financeira. Dentre as maneiras de exploração destacadas, há o abuso da opressão do corpo feminino, que no decorrer do desenvolvimento das danças de salão no Brasil, foi tomando proporções avassaladoras em diferentes contextos.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Como professor e pesquisador das danças de salão, me referenciei nos desdobramentos da pesquisa participante (Brandão; Borges, 2007), a qual possibilitou coletar as informações de maneira participativa dentro dos espaços destinados ao processo de ensino/aprendizagem e em bailes dançantes. Em um exercício cognitivo, ao mesmo tempo emocional, físico e intelectual, busco evidenciar, dentro desses ambientes, problemáticas relacionadas à forma como as damas estão sendo culturalmente percebidas e tratadas pelos cavalheiros.

Historicamente, as danças a dois sempre utilizaram de procedimentos metodológicos que são fundamentados na ideia da separação dos corpos frágeis dos corpos fortes. Fortalecendo, assim, a concepção de que o corpo feminino é fraco, delicado e necessita de cuidados dos homens, seja dentro do ambiente de sala de aula, baile ou competições. Com efeito, as mulheres vivenciam, há um longo período, inúmeras formas de serem subjugadas como pessoas inferiores e incapazes de ocupar cargos, lugares e ambientes, que segundo paradigmas patriarcais, são destinados exclusivamente ao gênero masculino.

Nesse fluxo aqui estudado, os espaços de sala de aula e os bailes vêm desenvolvendo, no decorrer das suas dinâmicas, contextos didáticos que estão fundamentados na perspectiva dualista do corpo superior, o masculino, e o corpo inferior, o feminino. Articulando, assim,

ISSN: 2358-8829

ações que são fundamentais para manter a opressão que acontece por meio da utilização das metáforas de poder: corpo condutor e corpo conduzido.

Há pesquisas nas danças a dois que investigam comportamentos, falas e políticas que refletem procedimentos metodológicos focados nas práticas machistas, heteronormativas e patriarcais. E, embora existam estudos e metodologias que vêm tencionando esse quadro opressor, o recorte metodologico que esta pesquisa faz, especificamente, é para a situação opressora ainda existente do uso de termos hegemônicos e ofensivos direcionados às mulheres no contexto das danças de salão.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em termos de estrutura da pesquisa, ela traz à tona aspectos epistemológicos da palavra consentimento, debatendo e questionando o significado do vocábulo. Buscamos abordar o assunto por meio das ciências cognitivas, recorrendo às figuras das metáforas (Lakoff; Johnson, 2004, 1999) como instrumento de ligação das metáforas verbais e gestuais que denotam poder e dicotomia feitas e proferidas porque emergem do procedimento metafórico do corpo (Rengel, 2015). É apresentado, também, as relações sobre os acordos que são gerados por normas e paradigmas sociais, os quais não têm conexão com a ideia de consentimento que são mediados nas danças a dois.

O artigo explana uma perspectiva feminista que vem sendo desenvolvida dentro de alguns espaços, os quais articulam conhecimentos e experiências que não concordam com os tipos de estruturas machistas que estão sendo mediadas pelos homens. Algumas damas utilizam de suas vivências feministas (Witting, 2022) na intenção de questionar e problematizar esse formato patriarcal que durante séculos faz parte das dinâmicas das danças pesquisadas.

Para contextualizar, o artigo proponhe destacar essa opressão consentida, utilizando o conceito de interseccionalidade (Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge, 2021) para desmistificar as várias investidas machistas, tradicionalistas e patriarcais que são mediadas pelos cavalheiros de modo velado. Aponta como se tornaram naturalizadas essas estruturas nos espaços de ensino/aprendizagem e bailes e competições de dança.

Assim, a pesquisa trata de uma interseccionalidade com a seguinte ideia, segundo Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021): a interseccionalidade não acontece apenas nas perspectivas de raça, classe e gênero, ela é uma ferramenta analítica ampla para questões sociais. Assim, a interseccionalidade que está sendo abordada na pesquisa trata do capitalismo,

ISSN: 2358-8829

do tradicionalismo e do patriarcado. Desse modo, não é possível abordar as danças de salão somente pelas perspectivas machistas e patriarcais, tendo em vista que existe uma intersecção conceitual, teórica e hegemônica entre os contextos capitalistas, tradicionalistas e patriarcais dentro e fora dos ambientes das danças de salão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com isso, debruçamo-nos em estudos, revisões e reflexões nas áreas da cognição, na utilização das metáforas (Lakoff e Jonhson, 2002, 1999) verbais e não verbais, que denotam poder e dicotomia, feitas e proferidas, porque emergem do procedimento metafórico do corpo Rengel (2007). Dito isso, partimos com a compreensão da tese de consentimento, ainda que não consciente, ou seja, formatada pelo "inconsciente cognitivo" (Lakoff e Johnson, 1999).

Os estudos apontam ainda, a importância de discutir a ideia de consentimento não somente na perspectiva da racionalidade, como vem acontecendo na compreensão dos praticantes da dança de salão em várias regiões do país. Uma das principais proposições da pesquisa é mostrar que a ação do consentimento gerado entre a comunicação das pessoas não se restringe apenas a uma instância racional da cognição.

Os estudos referenciados nas ciências cognitivas – especificamente nas pesquisas do linguista cognitivo e nas ideias do filósofo cognitivo, George Lakoff e Mark Johnson (1999), respectivamente – ensinam que a cognição é um amplo processo, tanto consciente quanto inconsciente. Ao dançar, por exemplo, gestos, respirações, treinamentos, falas acontecem, muitas vezes, de modo inconsciente.

A noção de consentimento também é discutida nesta pesquisa, pois há a necessidade de refletir sobre como evidenciar normalizações que são mediadas como consentidas, mas que, em verdade, são formas de manipular e oprimir comportamentos, falas e ações das mulheres.

Uma outra proposta na incumbência de abordar e problematizar a opressão consentida nas dinâmicas sociais, educacionais e políticas da dança de salão é dialogar com os estudos acerca do feminismo "interseccionalidade". Esse conceito foi fundamentado em reivindicações de mulheres feministas, as quais lutam por direitos iguais aos dos homens de sua própria classe social (Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa trouxe como tema principal o contexto machista, patriarcal e tradicionalista

ISSN: 2358-8829

imposto por uma sociedade que prioriza saberes, costumes e regras elaboradas por homens. O estudo buscou evidenciar o quão as mulheres nos ambientes das danças de salão são a todo momento bombardeadas por falas, comportamentos e ações de perspectivas opressoras. Um dos principais objetivos dessas estruturas hegemônicas é facilitar e naturalizar o cenário dominador sobre o corpo feminino dentro dos ambientes de sala de aula, bailes e competições.

Os processos de estudos realizados nesta pesquisa mostram como ainda são necessárias outras formas de abordagens didáticas e sobretudo, como o corpo das mulheres são percebidos pela figura masculina nas danças a dois. Infelizmente no decorrer da pesquisa foi detectado uma significativa subalternização e desvalorização sem precedentes e principalmente uma necessidade da figura masculina de disciplinar e punir as mulheres.

Essa perspectiva dominadora, infelizmente, é uma realidade que inúmeras mulheres vivenciam não apenas nas danças a dois, mas também em diversos recintos da sociedade. Durante a pesquisa no contexto de uma opressão consentida ficou constatado que as relações entre damas e cavalheiros giram em torno de um sistema hierárquico. Contexto que estabelece os homens um lugar de superioridade sobre as mulheres.

Desse modo, fica quase impossível não detectar inúmeras formas de violências, silenciamento e dificuldades direcionadas especificamente para as mulheres em recintos julgados como públicos e democráticos no país. Tais fatos corroboram para a construção de um pensamento hetero (Wittig, 2022), que não permite que mulheres tenham direito sobre si mesmas.

Existem, dentro das dinâmicas de sala de aula, mediações didáticas que costumam utilizar vários tipos de metáforas que contribuem para compreensão dos alunos acerca da relação do corpo e cognição. No entanto, alguns professores ainda não conseguiram perceber como o mau uso das metáforas pode gerar diversas hegemonias sobre o entendimento de corpo nas interações que acontecem entre os próprios alunos. Nos espaços de sala de aula, bailes e competições, as metáforas mais utilizadas pelos alunos e principalmente por professores são “damas” e “cavalheiros” ou “condutor” e “conduzida”. Essas metáforas carregam uma carga opressora muito forte para as mulheres.

A ideia do predomínio “racional”, sem levar em conta os sentimentos, sensações, infelizmente é uma realidade que muitos professores vêm ensinando a estudantes. Assim, mesmo o discente realizando o movimento (passo de dança) por meio das metáforas cavalheiro/dama ou condutor/conduzida, eles não entendem que essa ação acontece no corpo. Desse modo, a realização dos procedimentos didáticos com as metáforas (Lakoff e Johnson,1999) têm gerado um entendimento que fica restrito apenas ao contexto da figura de

ISSN: 2358-8829

linguagem verbal.

Durante os estudos foi observado que alguns professores e alunos se aproveitavam das metáforas cavalheiro/dama e condutor/conduzida para conceber o processo de opressão sobre as mulheres. A pesquisa problematiza o quão impera ainda os poderes do capitalismo, tradicionalismo e patriarcado por meio da interseccionalidade (Collin; Bilge, 2021), que vem estruturada por uma opressão consentida. Sabidamente, esse contexto se apropria de dispositivos machistas para manter a cultura da superioridade masculina sobre a feminina.

Nos espaços de ensino e aprendizagem é muito comum desenvolver a ideia do consentimento feminino através da relação de aproximação física que acontece entre damas e cavalheiros no momento da dança. A problemática nas mediações desse consentimento são as investidas de violência psicológica, verbal e física que as mulheres permitem não intencionalmente. Lamentavelmente essa autorização, vestida de consentimento, se tornou uma das principais investidura masculina contra as damas.

Assim, no percurso da pesquisa houve a necessidade de trazer conhecimentos feministas, os quais tinham como suporte principal nos seus trabalhos, situar as mulheres contra uma sociedade respaldada no machismo e sobretudo no patriarcalismo. Entre as várias professoras, pesquisadoras e artistas feministas estudadas, Sabrina Queiroz, (2023) contribuiu para desencadear outras possibilidades de enxergar esse lugar de professora de dança de salão dentro dos espaços de sala de aula, competições e bailes dançantes.

Trazer esse contexto da valorização das damas como professoras nesses espaços, foi uma das formas feministas que colaboram com as ações que reduzam o processo de inferiorização intelectual das mulheres em sala de aula, bailes e competições. Queiroz (2023) em suas pesquisas nos mostrou outros meios de questionar esse lugar do cavalheiro sabedor o qual, tornou-se um sujeito machista, opressor e patriarcal durante suas condutas em inúmeras escolas de dança de salão no Brasil. Quando o que está em jogo é assegurar privilégios para figura masculina nos contextos desse lugar de professor, Sabrina Rayna (2023) tenciona esses privilégios machistas por meio de uma docência transgressora que possibilita outras formas de questionar e ir contra essa conjuntura machista que colocam as damas nesse lugar de subalterna dos cavalheiros dentro dos espaços dos bailes, competições e sala de aula.

De maneira lamentável, ainda com muitas pesquisas pressionando e reivindicando o lugar das mulheres como professoras, há diversas condutas de alunos e professores que persistem em não reconhecer esse lugar da docência para qualquer dama que deseje se tornar professora de dança de salão. Ficou evidente durante os estudos que a negação da figura masculina em relação ao desenvolvimento docente das mulheres é uma das táticas opressoras

ISSN: 2358-8829

mais utilizadas entre os homens nesses espaços.

A segunda autora feminista de referência da pesquisa foi Sara Ahmed (2022) a qual nos seus estudos, ensina como as mulheres devem tornar-se feministas utilizando como base central para essa proposição a pergunta: em que consiste uma vida feminista? Com esse questionamento Ahmed (2022) explana caminhos adequados para o enfrentamento das incontáveis violências culturais, estruturais e institucionais que as mulheres vêm sofrendo nos múltiplos espaços que compõem a sociedade.

Assim, Sara Ahmed traz caminhos para lidar com algumas violências que são direcionadas especificamente contra as mulheres feministas. Uma das principais articulações é a metáfora do "kit de sobrevivência estraga-prazeres", o qual mostra como as mulheres devem lidar com as consequências de serem feministas em uma sociedade fundamentada na cultura opressora do machismo, tradicionalismo e patriarcado.

Dentre os vários estudos feministas abordados no decorrer da pesquisa, foi discutida a concepção do pensamento hetero desenvolvido pela escritora francesa e teórica do feminismo Monique Wittig (2022). Ela colabora na pesquisa acerca do entendimento da categoria sexo ser em si político e que a heterossexualidade é um significativo regime político forçado. Vale apontar que, esse contexto também vem sendo reforçado pelos dispositivos patriarcais e machistas que infelizmente são muito utilizados na sociedade declarada tradicional.

Nessa linha opressora, Monique Wittig destaca como as mulheres se tornaram produtos dessa manipulação heterossexual que durante séculos vem atuando contra elas e principalmente sobre aquelas julgadas como rebeldes feministas.

Assim, uma via encontrada durante a construção dessa peesquisa foi a proposta de uma dança a dois que tenha como base as experiências, culturas e conhecimentos feministas nos espaços que desenvolvem as dinâmicas das danças de salão. Portanto, a dança de salão desenvolvida em muitas cidades no país vem ocupando esse lugar de instrumento opressor, adestrador e punitivo por alguns professores e alunos heteros os quais necessitam usar dos instrumentos patriarcais para destilar suas ações de violência machista.

Utilizar os conceitos de Interseções Letais da professora e feminista Patrícia Hill Collins (2024), Interseccionalidade de Collins e Bilge (2021), dentre outros que foram abordados na pesquisa, foi de muita relevância para a proposta de uma dança de salão na perspectiva feminista. Também considero a produção desta pesquisa como um ato político, no sentido de combater a hegemonia do poder do homem heteronormativo cristalizado de várias formas contra as mulheres nas esferas da sociedade e principalmente nos espaços das danças de salão.

Como homem branco, hetero e consciente dos privilégios patriarcais que essa sociedade machista me oferece, acredito que desenvolver uma docência transgressora e feminista não apenas nos espaços de danças não formais, mas nos ambientes formais (ensino básico e superior) é uma relevante ação em defesa das mulheres que experienciam uma sociedade totalmente apoiada no bojo patriarcal e uma possível libertação para homens que são normalizados como opressores.

Palavras-chave: Dança de salão; Opressão, Consentimento, Interseccionalidade, Intersecções letais.

REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. **Viver uma vida feminista**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

COLLINS, Patricia Hill. **Intersecções letais**. São Paulo: Boitempo, 2024.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

CONSENTIR. *In*: DICIO, **Dicionário Online de Português**. [*S. l.*]: 7Graus, 2024. Disponível em: https://www.dicio.com.br/consentir/. Acesso em: 25 abr. 2024.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challemge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: EDUC, 2002.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

OLIVEIRA, Rodrigo de; PANTANO FILHO, Rubens. **O baile**: história, didática e técnicas da dança de salão. Indaiatuba: Vitória, 2012.

QUEIROZ, Sabrina Rayna Vilar de. **Qual o lugar das mulheres na docência? Um estudo sobre a presença das professoras de dança de salão em Campina Grande**. 2023. 126 f. Dissertação (Mestrado em Dança) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/38584/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Sabrina%20Raynaa.pdf. Acesso em: 15 jul. 2018.

RENGEL, Lenira Peral. **Corponectividade - Comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação**. 2007. 169 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia da Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível

ISSN: 2358-8829

em: https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/4933/1/Lenira%20Peral%20Rengel.pdf. Acesso em: 15 jul. 2018.

SCARPATI, Arielle Sagrillo; LINS, Beatriz Accioly; CHAKIAN, Silvia. **Precisamos falar de consentimento**: uma conversa descomplicada sobre violência sexual além do sim e do não. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.

WITTIG, Monique. **O pensamento heterossexual**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.